

## A IMAGÉTICA COMO RECURSO DIDÁTICO NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Autor (1): Vanessa Vasconcelos da Silva; Co-autor (1): Jonas Marques da Penha; Orientador (2): Josandra Araújo Barreto de Melo

*Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, bolsista do PIBID de Geografia/UEPB Email: vanessavvasconcelos@hotmail.com; Secretaria de Educação – Paraíba, Supervisor do PIBID/Geografia/UEPB, Email: jonas.marques@hotmail.com; Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Coordenadora do PIBID de Geografia/UEPB Email: ajosandra@yahoo.com.br*

### RESUMO

Este artigo apresenta experiências educacionais no ensino de Geografia, trabalhando com o auxílio de recursos didáticos para a compreensão do espaço geográfico. Refere-se a um trabalho exercido no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID de Geografia – UEPB. A turma contemplada nas atividades didático-metodológicas realizadas foi o 9º ano ‘C’ da Escola Estadual de Ensino Fundamental Maria Emília Oliveira de Almeida, Presidente Médici, Campina Grande – PB. Entende-se que para lecionar fatos, ou características presentes em outros países, torna-se complexo para os educandos e para o próprio professor, considerando-se que eles não estão inseridos no meio socioespacial apresentado. Quando o ambiente escolar é analisado, é notável as dificuldades que o educando possui para decifrar, interpretar, entender ou até perceber o espaço em que vive, no qual ele não associa a temática abordada com fatos de sua vivência. Sabemos que as práticas educacionais se tornam desafiadoras quando os conteúdos trabalhados estão inseridos em uma escala global. Buscou-se aproxima os conteúdos aos educandos dando significância aos conteúdos estudados; Compreender a partir do conceito de paisagem os lugar do outro; Promover a autonomia na construção dos conhecimentos; Conhecer as dinâmicas contemporâneas, econômica, social e cultural dos continentes. A categoria de análise geográfica em destaque nesse trabalho foi a “paisagem”. O percurso metodológico ocorreu na perspectiva da pesquisa-ação a luz do pensamento de Tripp (2005). Buscou-se envolver a turma com atividades que explorassem a imagética como filmes, charges e fotografias para a construção de novas possibilidades no processo de ensino aprendizagem dos educandos. Ver-se que o uso de recursos que privilegie a leitura e interpretação de imagens, estáticas ou em movimento, contribuem para autonomia e produção de novos conhecimentos geográficos.

**Palavras-chave:** Formação Inicial; PIBID; Geografia Escolar; Paisagem; Imagética.

### 1. INTRODUÇÃO

O ensino Geografia necessita de práticas pedagógicas voltadas para as necessidades do educando. Para que haja um desenvolvimento nos conteúdos trabalhados, é preciso que se leve em consideração o aluno como indivíduo que interage com o lugar em que vive. É comum a abordagem de conteúdos em que os alunos não conseguem um aprofundamento satisfatório, pelo fato de não encontrarem significado naquilo que está sendo ministrado. Por essa razão é indispensável que o educador esteja atento às adversidades encontradas em sala

de aula.

Quando o meio escolar é analisado, é notável as dificuldades que o educando possui para decifrar, interpretar, entender ou até perceber o espaço em que vive, no qual ele não associa a temática abordada com fatos de sua vivência. Assim a metodologia utilizada para ministrar a aula é uma das estratégias encontradas pelo educador para aproximar o aluno ao conteúdo.

O processo de ensino aprendizagem dos alunos está ligado as atividades realizadas no ambiente escolar. E por isso o professor precisa articular os trabalhos escolares voltados para a realidade do aluno. Neste contexto é importante um período de observação, para identificar a dinâmica da turma trabalhada.

Este trabalho apresenta experiências educacionais no ensino de Geografia, trabalhando com o auxílio de recursos didáticos para a compreensão do espaço geográfico. A partir de experiências realizadas no PIBID de Geografia – UEPB na Escola Estadual de Ensino Fundamental Maria Emília Oliveira de Almeida, Presidente Médici Campina Grande – PB, um trabalho realizado com a turma de 9º ano ‘C’.

Neste sentido, a inserção dos recursos imagéticos nas aulas de Geografia, torna-se um elemento importante para que os educandos consigam problematizar e perceber o espaço geográfico. Portanto compreendemos a necessidade de romper com o modelo tradicional ao ensinar Geografia, utilizando recursos simples como o livro didático ou tecnologias disponíveis na própria escola.

## 2. A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA GEOGRAFIA NO BRASIL E A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES

No século XIX a Geografia emerge como ciência nos estudos de Alexandre Von Humboldt e Karl Ritter. Ambos da escola alemã que difundiu o determinismo ambiental e o espaço vital, mais tarde confrontado com o possibilíssimo defendido pela a escola geográfica francesa, principalmente nas ideias de Vital de La Blache.

No Brasil a institucionalização da Geografia acadêmica se dá a partir do pensamento da escola francesa. Discípulos de La Blache participam da implantação do curso de Geografia no país na década de 30 na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, em 1946 o departamento de Geografia formava sua primeira turma. A partir deste momento a disciplina ganhava espaço através das

discussões e conteúdos produzidos, formando profissionais nessa área do conhecimento.

A institucionalização e os novos profissionais não foram suficientes para romper com os paradigmas da Geografia clássica, arraigada nas metodologias enciclopedistas e mnemônicas. Práticas recorrente desde a colonização, herança jesuítica para o ensino de Geografia no país.

Para Pontuschka (2009);

A Geografia, no antigo ginásio, até a época da fundação da FFCL/USP, em 1934, nada mais era do que a dos livros didáticos escritos por não geógrafos. Esses expressavam geralmente o que foi a ciência até meados do século XIX, na Europa: enumeração de nomes, rios, serras, montanhas, ilhas, cabos, capitais, cidades principais, totais demográficos de países, de cidades etc. A memória era a capacidade principal para o estudante sair-se bem nas provas. (p. 46).

Mesmo com a formação específica em Geografia, o curso desde então ofereceu componentes voltados para geografia física, que teve reflexos no ensino primário e secundário. As características principais da disciplina eram de um ensino descritivo, que não representava o papel da Geografia. “Praticou-se, durante todo o período, a geografia escolar de nítida orientação clássica, ou seja, a geografia descritiva, mnemônica, enciclopédica, distante da realidade do (a) aluno (a).” (ROCHA, 2000, p.131). Um ensino deturpado e descontextualizado onde os livros da época induziam a um ensino a partir da descrições e nomenclatura dos lugares.

Segundo Albuquerque (2011);

O primeiro livro brasileiro de Geografia do Brasil, *Corographia Brasílica*, de Padre Manuel Aires de Casal, escrito em 1818, consiste em um levantamento de dados sobre as províncias, história, limites territoriais e nomenclaturas de montanhas, hidrografias, portos, cabos e pontas, mineralogia, zoologia, fitologia e algumas características de cidades e vilas. (p. 27).

Todo o processo de institucionalização da disciplina de geografia bem como a formação dos professores representa muitas vezes o ensino atual, ou seja, nas amarras do tradicionalismo. Por isso, é necessário que os educadores estejam dispostos à contribuir no ensino de geografia, utilizando artifícios que auxiliem no processo de ensino-aprendizagem dos educandos. Apresentar a rua, o bairro ou algum ponto da cidade como exemplo das contribuições do homem em meio a transformação da paisagem pode ser para os alunos um momento singular, em que o conteúdo se aproxima de algo que é real na visão do sujeito.

Com o passar do tempo o ensino de Geografia passou por diversas mudanças, e com isso foi aberto um mundo de possibilidades, buscando romper com os modelos arcaicos de um ensino descritivo e descontextualizado da realidade dos alunos. Assim, o professor de Geografia obteve mais êxito na construção de conhecimento em sala de aula, podendo interagir mais facilmente com os educandos.

Diversas vezes, romper com o tradicionalismo nas aulas de Geografia é uma tarefa trabalhosa, que necessita de empenho por parte do educador, tendo em vista que a sala de aula é formada de indivíduos únicos e com níveis de aprendizagem diversos. Partindo desses questionamentos, são realizadas algumas reflexões para tratar as dificuldades encontradas em sala de aula e para que se obtenham um melhor aproveitamento das atividades realizadas.

### 3. O USO DA IMAGÉTICA PARA COMPREENSÃO DOS CONTEÚDOS ESCOLARES

A Geografia, durante muito tempo foi considerada uma disciplina de caráter mnemônico e descritivo. Ainda hoje, há quem defenda essa ideia, haja vista os métodos de ensino ainda praticados em sala de aula. Segundo Sousa Neto (2000, p. 11), “[...] a imagem da maioria dos mortais com relação à Geografia continua sendo a de que ela tem como papel fundamental descrever a natureza ou matematizar cartograficamente o mundo”. Um paradigma histórico que deve ser rompido.

Destarte, compreendemos a necessidade de novos recursos e metodologias para as aulas de geografia. As aulas clássicas acabam sendo enfadonhas e pouco atraentes para os alunos. Por isso é importante que o professor utilize meios que envolvam os educandos nas aulas lecionadas.

Diante das dificuldades encontradas em sala de aula, se torna pertinente o uso de recursos e metodologias que sejam interessantes para os alunos, de modo a envolvê-los nos conteúdos trabalhados. Assim o uso do recurso visual acaba sendo de grande valia nas práticas de ensino.

Corroborando com Fantin (2005),

No ensino de Geografia, o uso de imagens (fotografias, filmes, desenhos, slide, fotos aéreas, cenas de telejornal, novelas, etc.) é sempre um recurso interessante. As imagens e as cenas nos revelam uma parcela da realidade, uma versão, cuja compreensão total exige pesquisas para além do que é visível. (p.103)

A imagética dispõe de uma teia de opções de imagem que podem ser trabalhadas em sala de aula, podendo adequá-las mediante a necessidade da turma e do conteúdo abordado. Além da capacidade de atrair a visão dos sujeitos, assim a imagética é compreendida como uma forma de linguagem.

Cotidianamente somos abordados por meios visuais que tem por objetivo vender, informar, divertir, etc., e atraem a atenção de boa parte da população. A luz do pensamento de Val e Ferras (2009, p.4), “Partindo da premissa de que imagens são ícones carregados de significados, absorvemos que o mundo é imagético e nós temos a vida dirigida por esses textos não verbais que disciplinam, sugerem, mandam, ampliam e organizam a vida em sociedade”.

A inserção da imagem nas aulas torna-se algo natural, visto que a mídia está presente no cotidiano da maior parte da população. Tonini (2011, p. 94) diz que “Frequentemente nossas aulas são interrompidas, no ensino fundamental ou no médio, por algum estudante que faz comentários sobre novelas, futebol, seriados de TV, filmes, entre outros”, esses comentários ocorrem por parte dos educandos, como uma forma de associar uma notícia ou uma história ao conteúdo que está sendo trabalhado.

A imagética disponibiliza uma gama de possibilidades que estão naturalmente inseridas no meio social, fazendo com que o educador tenha maior dinamismo nas aulas, podendo assim contribuir na construção do conhecimento. Na ótica de Zatta; Aguiar (2009, p. 8), “Para promover a ampliação do conhecimento dos alunos a respeito de temas cuja relevância é de inquestionável valor para a sociedade atual, os materiais didáticos bem como os recursos midiáticos, são de fundamental importância no trabalho do professor”.

Assim, ao introduzir a imagética no ensino de Geografia se percebe que dentre as categorias de análises geográficas a paisagem se destaca quando tratamos dos recursos visuais. Andrade (2008, p. 61) afirma: “Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc.” Ela carrega sentidos, transmitidos em pinturas, desenhos e fotos, que exibem elementos de caráter urbano ou dos campos sociais, políticos e econômicos, que seduzem aqueles que a observam.

Corroborando com Ulian (2015);

Na ciência geográfica, a fotografia constitui-se como um referencial técnico imensurável. Utilizada como instrumento de conhecimento e análise do espaço geográfico, é tanto base para a confecção de cartas, mapas e croquis, como também para a reflexão sobre a categoria paisagem, tão cara ao método geográfico. (2015, p. 3)

A inserção do recurso imagético auxilia a aula expositiva, pois a compreensão do que é dito atrelado ao recurso visual forma um conjunto perfeito no processo de ensinar e aprender. A ciência geográfica proporciona conhecimento que abrange as mais diversas áreas. Segundo Zatta e Aguiar: “[...] estudar geografia, proporciona ter uma melhor compreensão do mundo, fazer relações entre o espaço local, regional e global, descobrir outras culturas, diversidades da natureza, modos de produção e outros eventos.” (2009, p.2).

Portanto, compreendemos a importância de dinamizar as aulas de Geografia, utilizando o recurso imagético, pois este é uma forma acessível e necessária, servindo de auxílio na percepção da paisagem. Assim, entendemos que mesmo com as dificuldades encontradas no ensino público, é possível realizar aulas que sejam atraentes aos olhos dos alunos, rompendo os paradigmas tradicionais do ensino de Geografia.

#### 4. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS COM AUXÍLIO DA IMAGEM

As intervenções didático-pedagógicas, na regência enquanto bolsista do PIBID, foram realizadas na Escola Maria Emília Oliveira de Almeida, localizada no bairro do Presidente Médici, zona sul da cidade de Campina Grande – PB. A turma contemplada foi o 9º “C”.

A categoria de análise geográfica em destaque nesse trabalho foi a “paisagem”. Já o percurso metodológico ocorreu a partir de práticas educacionais na perspectiva da pesquisa-ação, haja vista que alunos e professores estavam inseridos no processo de investigação ação.

Para Tripp (2005);

[...] pesquisa-ação é uma forma de investigação-ação que utiliza técnicas de pesquisa consagradas para informar a ação que se decide tomar para melhorar a prática”, e eu acrescentaria que as técnicas de pesquisa devem atender aos critérios comuns a outros tipos de pesquisa acadêmica (isto é, enfrentar a revisão pelos pares quanto a procedimentos, significância, originalidade, validade etc.). (p. 447).

Dos sentidos, a visão é aquela que primeiro percebe o que está acontecendo a sua volta, por essa razão entendemos que apresentar imagens, charges, vídeos, filmes, etc, pode ser um artifício acessível e autoexplicativo, que inserido em sala de aula, auxiliam o processo de ensino aprendizagem dos educandos.

A partir disso, exploramos o recurso imagético adequado para aula ministrada. Antes de iniciarmos o conteúdo a respeito da Segunda Guerra Mundial, exibimos o filme *O menino do pijama listrado*. Nesse primeiro momento, o objetivo foi de que o próprio filme transmitisse uma mensagem acerca do conteúdo.

A utilização desse material, além de auxiliar no aprendizado, quebra os paradigmas tradicionais estabelecidos em sala de aula, deixando o ambiente agradável e propício aos estudos. Girão e Lima (2013, p.104) afirmam que: “Os filmes, as propagandas, trechos de telenovelas, documentários, matérias jornalísticas entre outros podem ser perfeitamente utilizados para tornar as aulas mais atraentes, dinâmicas, prazerosa e acessível aos alunos”.

Em um segundo momento, discutimos os motivos que deram início a Guerra Fria e as consequências desse conflito. Além de aula expositiva, trabalhamos com *slide*, compostos de imagens dos lugares que sofreram com a Guerra Fria e com charges, para que a turma pudesse refletir sobre o assunto. Segundo Zatta & Aguiar:

O trabalho com imagens pode ser muito útil como forma de ensinar como se produz leitura através do olhar. Isto é fundamental para a Geografia, pois a representação geográfica seja pelos mapas, imagens, fotos, vídeos, paisagens, sempre se coloca em jogo o autor e as técnicas; Onde o professor pode utilizar uma variedade de materiais, como imagens de diferentes épocas, fotografias, imagens de satélite, imagens representadas nos livros didáticos, de jornais, revistas, slides, entre outros; sendo recursos bastante significativos para a construção e ampliação de conhecimentos geográficos. (2009 p. 8)

Seguindo o conteúdo programático para a turma, iniciamos os estudos sobre o continente asiático. Nesta fase da pesquisa trabalhamos os aspectos gerais da Ásia e aprofundamos os conhecimentos para abrir um diálogo específico sobre o Oriente Médio. Nas aulas se buscou alternativas de imagens impressas acerca de temas como: relevo, hidrografia, aspectos socioeconômicos, etc.

Na perspectiva de aulas mais práticas, realizamos uma dinâmica em grupo, em que cada um recebeu uma paisagem com características de clima, relevo e vegetação. Após uma aula expositiva sobre as características físicas do continente asiático, um grupo por vez descreveu características de sua paisagem para que os demais descobrissem de qual paisagem o grupo fazia referência. Esta prática possibilitou maior fixação do conteúdo, além de promover um momento descontraído entre os alunos.

Em outro momento tratamos os conflitos ocorridos no Oriente Médio, neste momento tornou-se pertinente um diálogo sobre a guerra na

Síria. Após discursão, utilizamos charges que contextualizavam com o tema, para que os educandos expressassem a partir delas, suas ideias sobre os conflitos ocorridos no país.

A última etapa do processo aconteceu com uma atividade para o fechamento do bimestre, sugerimos que a turma produzisse vídeos, a respeito dos principais países do continente asiático, enfatizando o contexto de utilização da imagem para auxiliar a atividade. Assim, a turma foi dividida em quatro equipes, responsáveis em pesquisar sobre: Japão, China, Índia e Rússia. Entre as quatro equipes apenas uma não conseguiu desenvolver a atividade a contento. Duas equipes fizeram o trabalho com o auxílio do *power point* e a última produziu um vídeo.

Em síntese, ao analisarmos todo o processo trabalhado neste período entendemos que muitas vezes o recurso não supre as necessidades de aprendizagem dos educandos, tendo em vista que a sala de aula é composta de indivíduos únicos, que carregam necessidades distintas, na qual o professor precisa perceber para auxiliar da melhor forma a produção do conhecimento.

## 5. CONCLUSÕES

As experiencias aqui expostas, mostram que no âmbito escolar, existe inúmeras possibilidades, quando tratamos da construção do conhecimento mútuo. Tendo em vista os aspectos apresentados, percebemos que as práticas educacionais realizadas neste trabalho, foram executadas de forma simples, porém proveitosas, com o uso de recursos acessíveis.

Assim, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID deve ser enaltecido, por sua importância tanto na formação inicial, quanto nas contribuições que são levadas as escolas contempladas pelo projeto. A partir das práticas desenvolvidas neste período, entendemos a necessidade de repensar continuamente a prática docente.

Entendemos que não há uma formula para a construção do conhecimento em sala de aula. É através da prática docente que o educador consegue perceber as necessidades dos alunos e assim contribuir para sua formação escolar dos indivíduos. É notável que alguns alunos ainda possuem dificuldades em expressarem e compreenderem as mudanças sofridas nas paisagens, sejam elas na sua rua, bairro ou até mesmo na cidade. Por essa razão, observamos que a Geografia praticada neste período, contribuiu para que processo de ensino sobre o continente asiático acontecesse de forma mais dinâmica.

O recurso imagético deu significado para lugares, paisagens e notícias de realidades diversas ao ambiente em que os educandos estão inseridos. A utilização de tecnologias, tais como *slides*, foi um meio favorável para que o trabalho final, realizado pelos alunos, ocorresse de forma natural.

Por fim, percebemos no decorrer do projeto, uma notável mudança no processo de ensino-aprendizagem das turmas envolvidas. A cada novo método utilizado, percebe-se o desenvolvimento dos educandos. Esperamos que a Geografia tenha cumprido seu papel, no estudo das relações sociais com o meio natural, e que assim torne-se relevante para o desenvolvimento dos alunos.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, M.A.M de. **Dois momentos na história da Geografia escolar.** Rev. Bras. Educ. Geog, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 19-51, jul/dez., 2011.

ANDRADE, M. C. de. **Geografia: ciência e sociedade.** Ed. Universitária da UEPE, Recife, 2008.

FANTIN, Eneida M. TAUSCHECK, Neusa M. **Recursos/ Metodologias para o ensino de geografia.** P. 99-111. In: TAUSCHECK, Neusa M. Geografia – Estudo e ensino Curitiba: Ibepex, 2005. 20. ed

GIRÃO, O. SURAMA R. L. O ensino de Geografia versus leitura de imagens: resgate e valorização da disciplina pela “alfabetização do olhar”. **Geografia Ensino & Pesquisa**, vol. 17, n. 2, maio/ago. 2013.

SOUSA NETO, M. F. de. **A ciência geográfica e a construção do Brasil.** Terra Livre, São Paulo, n15, p.9, 2000.

PONTUSCHKA, N. N. **Para ensinar e aprender Geografia.** 3ªed. São Paulo, Cortez, 2009.

ROCHA, G. O. R. **Uma breve história da formação do(a)professor(a) de Geografia no Brasil.** Terra Livre, São Paulo, n.15, p.129-144, 2000.

TONINI, I. M. Para pensar o ensino de geografia a partir de uma cultura visual. **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino médio.** Vol. 2. Porto Alegre: Penso, 2011.

TRIPP, David Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

ULIAN, F. **A fotografia na Esfera Geográfica.** Fasci-Tech – Periódico Eletrônico da FATEC-São Caetano do Sul, São Caetano do Sul, v.1, número especial, Março de 2015, p. 20 a 35.

VAL, R. M. G. FERRAZ, C.B.O. **A linguagem imagética na escola e no ensino de**

geografia. 10º Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia. Porto Alegre, 2009.

ZATTA, Celia Inez; AGUIAR, Waldiney G. de. **O uso de imagens como recurso metodológico para estudar Geografia.** 2009. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2375-8.pdf>. Acesso em: 15 de out. 2017.

